

2.8 “O FIM DA FILOSOFIA E A TAREFA DO PENSAMENTO” (O OUTRO COMEÇO DA FILOSOFIA)¹

JEAN-LUC NANCY

Resumo: Nesse último texto escrito por Nancy antes de seu falecimento, Nancy retoma a colocação de Heidegger sobre o fim da filosofia e a tarefa do pensamento, partindo de um diagnóstico da disseminação da filosofia hoje, da implosão de seus sistemas de autoreferência e autofundação que expõe a filosofia como o sentido do Ocidente e de sua autodesconstrução. Com base nesse diagnóstico, mostra como o Ocidente filosófico, não obstante historicamente empenhado em denegar a alotropia do próprio real, o revela no ato mesmo de sua denegação.

Palavras-chave: filosofia; pensamento; tarefa; Ocidente; alotropia; real

Abstract: In this last text written by Nancy before his death, Nancy takes up Heidegger's trope on the end of philosophy and the task of thought, starting from a diagnosis of the dissemination of philosophy today, the implosion of its systems of self-reference and self-foundation that exposes philosophy as the meaning of the West and its self-deconstruction. Based on this diagnosis, it shows how the philosophical West, although historically committed to denying the allotropy of reality itself, reveals it in the very act of its denial.

Keywords: philosophy; thought; task; West; allotropy; real.

¹ Texto originalmente publicado com o título de “La fin de la philosophie et la tâche de la pensée” na revista digital PWD, *Philosophy World Democracy*, postado em 14/07/2012. Acessável em: <<https://www.philosophy-world-democracy.org/other-beginning/la-fin-de-la-philosophie>>.

“O fim da filosofia e a tarefa do pensamento”

Esta fórmula (que não é uma frase) aparece aqui entre aspas por ser uma citação. É a citação do título de uma conferência de Heidegger pronunciada em 1964. Não é um dos textos mais mencionados de Heidegger, entre outros motivos porque seu primeiro sintagma – “o fim da filosofia” – deixa os cabelos em pé e até desencadeia um furor em quem o escuta. Independente de qualquer outra consideração político-mística sobre Heidegger, o interesse pelo que escreveu sobre a técnica, a arte e mesmo pelo ser costuma ser aceite de bom grado. Mas com muita frequência recusa-se vislumbrar a possibilidade de até mesmo se falar do “fim da filosofia”. Para a grande maioria isto é quase tão grosseiro senão grotesco como falar do “fim da respiração” ... enquanto premissa para uma “tarefa da apneia” onde se possa discernir nosso futuro.

Isso supõe que a filosofia seria o único sopro de nossa vitalidade intelectual e espiritual – o que justamente está em jogo na oposição feita por Heidegger entre “filosofia” e “pensamento”.

A questão não é de saber aqui se “um” filósofo teve razão em dizer isso ou aquilo. A filosofia fala através de todos os filósofos e se fala do “fim da filosofia”, isso possui um sentido filosófico. Heidegger buscou esse sentido onde, da própria filosofia, advinha o sinal de um fim, de um acabamento e, portanto, de um novo destino. Hegel sabia disso: depois de Hegel, trata-se sempre do fim da filosofia e de um outro começo. Se não vemos isso, então não vemos nada.

2

Qualquer que seja o meu propósito nesse artigo, este não é absolutamente comentar o pensamento de Heidegger. Quero limitar-me a mostrar que a expressão “fim da filosofia”, pronunciada pela primeira vez há mais de meio século – mas preparada, mesmo que maneiras bem diversas, desde Marx, Nietzsche e Kierkegaard, mas também desde Comte, Russell e Carnap² não é desprovida de sentido.

² Essa breve lista evoca simplesmente alguns grandes nomes. Mas se trata de toda uma época.

É o que é duro admitir, pois a maior parte insiste em salientar que, mesmo nos abalos mais violentos que sofreu nos últimos dois séculos, a filosofia é o exercício de nossa humanidade e isso de tal modo que ela pode ser encontrada por toda parte, em todos os povos e em todos os tempos (ao menos é o que acreditamos ao atribuir à palavra “filosofia” uma extensão irrefletida). Há filosofia bambara e uma filosofia do empreendedorismo, quando deveríamos dizer que há um pensamento bambara e uma ideologia do empreendedorismo. Quando se apresenta alguém como filósofo, no rádio ou na televisão, anuncia-se um discurso sobre a situação do mundo e sobre o que nele deve ser mudado ou melhorado. Em suma, uma filosofia é um modo de representar e estimar o mundo.

De maneira geral, de fato, o conteúdo desses discursos já é conhecido: condena-se a violência, a injustiça, reputa-se o egoísmo, declara-se que é preciso repensar o bem comum ou o ser-em-comum. Ora a perspectiva é mais reformadora (e assim testemunha que no fundo as coisas não podem ser alteradas), ora mais revolucionária (só que a própria ideia de revolução continua sendo a de uma transferência de poderes no interior do enquadramento adquirido da superpotência técnica – como é ademais o caso desde Lenine e Marx. De uma maneira ou de outra, proliferam as palavras cheias de boa intenção, portadoras de um ideal – uma humanidade melhor, mais racional, mais aberta ao mesmo tempo a todos e a cada um.

Deve-se dizer: refere-se aqui a essa espécie de confiança sonâmbula num “melhoramento” (senão numa “emancipação”), repetindo assim de modo consciente ou não o que diziam Kant, Husserl ou Sartre – e que apenas incrementamos com condimentos mais modernos. Quero dizer, por exemplo, a “subjetivação” de Foucault, o “outro”, retomado à la Levinas, os usos alusivos e imprecisos da “*différance*” de Derrida ou da “criação” de Deleuze: apreciamos bastante essas migalhas filosóficas, mas sempre evitamos abordar suas complexas injunções (às quais retornarei).

Não se deve negar que este é o triste estado da filosofia hoje (tanto nas escolas como nas universidades). É uma versão que se pretende nobre no reino da opinião – que talvez na verdade não possua nada de nobre, que é sempre vulgar e cuja vulgaridade se encontra ademais midiaticizada.

3

Não é de espantar que se chegue assim a uma extensão ilimitada do pragmatismo: como isso funciona? O que funciona melhor ou menos mal? – mas quem funciona para quê e o que funciona para quem? Em vista de quê?... Em vista de quê essa avalanche de informação, de invenção, de comentário? A regra pragmatista responde: “com vistas a um funcionamento sempre ampliado e a uma ampliação forçosamente desejável”. Mas a verdadeira resposta subjacente é: “em vistas de performances técnicas e financeiras que não possuem nenhuma finalidade além delas mesmas”.

Um exemplo flagrante é a discussão geral (fora dos países abertamente monomaniacos de identidade religiosa-racial) sobre o “multiculturalismo” distinto de uma “laicidade” que mal se deixa identificar. De uma margem à outra, busca-se o melhor gerenciamento (*management*) de uma realidade de mutação profunda do que se chama indistintamente de “cultura”, “identidade”, “base”. Um outro exemplo ainda mais desconcertante é das condições de trabalho que vemos ao mesmo tempo mudar e piorar, tirando mais proveito de uns e menos de outros e gerenciando (psicosociologicamente) uma situação cuja finalidade última nunca é colocada em questão.

O que se chama mais comumente de “filosofia” refere-se hoje a diversas misturas de águas mornas do bom senso, do desejo de fazer bem e de um suposto saber dos mecanismos do mundo. E isso precisamente quando as palavras “sentido”, “bem” e “saber” se encontram num estado de grande precariedade e até mesmo de morte cerebral.

Um sinal minúsculo dá um indício: por toda parte no mundo anglicizado chama-se o doutorado “PhD”, ou seja, doutorado filosófico, quer trate de moléculas raras, da antiga história de Camecháteca ou de modelos cognitivos. “Filosofia” tem aqui um sentido completamente ultrapassado. É uma penosa caricatura da antiga ideia de uma ciência-rainha ou de um regime geral de saber supostamente aplicado aos caracóis, aos mecanismos de “subjetivação” ou à ideia de “Deus”.

É ridículo, mas isto revela como foi possível deixar uma palavra se espalhar à maneira da tinta sobre um papel mata-borrão. Ora, essa tinta é bem datada e para nós muito obscura: ninguém hoje pode imaginar que a “filosofia” envolva todas as ciências. Mas e se ela for de outra ordem? Qual seria então? aqui as respostas se precipitam: “reflexão”, “espírito crítico”, “especulação”, “elocubração” ...

Sem dúvida, num sentido, isto não é menos surpreendente do que o que se passou em francês com a palavra “senhor” que significava originalmente “monsieur”. A diferença é, porém, flagrante pois “monsieur” corresponde a um deslocamento real das marcas de respeito e cortesia. No que concerne à filosofia, é quase o inverso: conservou-se o estatuto eminente da filosofia sobre todas as ciências (e no fundo mesmo sobre a teologia já que esta designa uma disciplina de reflexão e de análise e não é usada, grosso modo, como sinônimo de “confissão religiosa”. Mas esse estatuto superior não pode ser situado... flutua nas nuvens³.

Praticamente a filosofia se tornou a especialidade dos não-especialistas, dos manipuladores de ideias e de avaliações que todo mundo pronuncia, segundo a sua opinião: de fato, a filosofia se tornou o nome nobre da opinião. Ora a opinião designa o julgamento de uma subjetividade (individual ou coletiva): sua fonte encontra-se nas disposições, gostos, tendências de cada um. “Cada um com a sua verdade” – mas a palavra “verdade” não se define mais senão como ... opinião.

4

Ora, se há alguma coisa que criou a filosofia, foi justamente a questão da verdade⁴. Não a verdade enquanto o que corresponde aos dados – por exemplo, esse computador pesa 1950 gramas, coisa que posso verificar numa balança. Para uma criança pequena, ele já é um pouco pesado, mas justamente não se está falando do uso do computador por uma criança ou um adulto. Fala-se de um sistema de comparação e de instrumentos de medida.

Mas a verdade que, originalmente, constituiu a preocupação da filosofia foi a questão sobre o que “verdadeiro” pode querer dizer quando não há medida e nem comparação possíveis. De certo, as grandes civilizações que precederam a virada filosófica dominavam perfeitamente esse cálculo com instrumentos e formas muito bem

³ Como se sabe, é o caso desde Aristófanes, o que mereceria uma reflexão: tanto se ridicularizou a filosofia como se a venerou. Hoje não se ridiculariza mais, pois ela se tornou a água morna a que me referia.

⁴ Além da verdade oposta à mentira (em francês, a veracidade), a ideia de verdade fora da filosofia confunde-se com aquelas do enunciado do ser, da presença do dado. As primeiras linhas do Popol Vuh são exemplares: “é a raiz da antiga palavra desse lugar chamado Quiché”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Popol_Vuh>. As antigas traduções para o francês são, no entanto, também sempre eloquentes: « eis o Quiché, eis o lugar da origem. Originalmente nomeado com seu verdadeiro nome. A verdade desse nome é o próprio nome”.

elaborados: como podem testemunhar as realizações dos Maias ou das civilizações africanas antigas, como as dos hindus, chineses, japoneses, esquimós, vikings, sem falar de todas as realizações técnicas, estéticas e simbólicas de todas as culturas depois do que se chama “o paleolítico”. Por toda parte e em todas as épocas ao menos depois de 300 000 anos atrás.

Para todas essas culturas, o verdadeiro (que não tinha forçosamente esse nome e nem algum nome) estava dado juntamente com uma ordem cósmica e simbólica segundo a qual a condição humana possuía (e sempre possui onde essas culturas subsistem) seu lugar, seu sentido, sua destinação. A existência não era menos difícil: a doença, a luta e a morte nunca foram negadas, mas se podia contar com uma ordem geral para lhes conferir um lugar. A dor de ser humano, e mesmo de ser vivo, misturava-se com a alegria de sobreviver, de procriar: o pensamento não as separava. E os pensamentos desses povos incontáveis são ricos, inventivos, sutis.

O que abre a possibilidade da filosofia é uma ruptura. Esta se produz numa certa região do mundo⁵. Esta região, o Leste mediterrâneo, num momento dado, vê-se inteiramente assolado pelo que era então um conjunto importante de impérios e potências suntuosas, palacianas. Fala-se de uma invasão de povos oriundos do Oeste mediterrâneo. Mas sabe-se muito pouco sobre essa convulsão. Manifesto é, porém, a profunda transformação de um mundo do qual se pode dizer que não possuía mais uma ordem fundadora.

5

A filosofia começa com essa interrogação: o que fazer se não há mais uma ordem disponível- nem sagrada, nem social, nem cósmica? O eixo ou alma da resposta filosófica consiste na necessidade de fundar ela mesma uma ordem.

Esta necessidade comporta dois aspectos: por um lado, exige que se descubra esse mundo despojado de seus atributos e, por outro, que se justifique a iniciativa realizada e os seus resultados.

⁵ Outras regiões conhecem uma ruptura análoga embora distinta: Buda, Confúcio, Lao-Tsé, o santuário de Ise no Japão, etc. – com relação às culturas mais antigas como as dos Maias, Vedas, Mesopotâmia e tantas outras. É preciso, sem dúvida, levar em conta, no mundo Mediterrâneo, a longa e complexa transformação do Egito, iniciada bem antes daquela da cultura persa.

De maneira bem simples⁶, pode-se dizer: a primeira exigência inventa a “natureza”, a segunda inventa a “razão”. Nada de mais elementar, parece, do que essa dupla natureza/razão. Nós a conhecemos bem e ela estruturou séculos de pensamentos. Ora, hoje acontece que estamos bem confusos: o petróleo, a eletricidade, a possibilidade do cálculo, a informação são realidades naturais ou racionais?

O que orientou a filosofia, em todas as suas formas, foi sempre dar razão à natureza e naturalizar a razão. Dar razão: quer dizer, aclarar os princípios de onde procedem o cosmos, a vida, e se possível o próprio pensamento. Esse último ponto remete ao que chamei de “naturalizar a razão”: compreender que a totalidade do que existe provém de uma finalidade e se cumpre segundo ela. Esta última deixou de ser a realização de uma ordem dada com o próprio mundo.

A ordem que damos ou descobrimos para o mundo, nós chamamos de “ciência” ou “dominação das forças”, realização de um “homem total”. A filosofia desenvolveu tesouros de engenhosidade para apreendê-la: “razão suficiente”, “história do Espírito”, “volta às coisas elas mesmas”, “Ser que não é nada que é”. Paralelamente, houve: “materialismo integral”, “revolução das relações sociais” e agora “transhumanismo” (ampliação do homem pela sua própria técnica). E enfim como já evocamos, pragmatismo: deixemos todo princípio e vamos nos virar (ao que sempre se pode perguntar: mas nos virar para quê???)

Eis um sumário irônico – mas *não somente* – também cruel – mas *não somente*. Não somente porque de fato o Dado Primitivo perdeu seus prestígios de saber e de manifestação: o que resta saber, as ciências sabem, e o que se deixa discernir é uma névoa espessa.

6

(Parênteses: não estou dando descarga em todos os trabalhos filosóficos. Longe disso! A importância das grandes obras do século 20, a acuidade e a profundidade de suas exigências são indiscutíveis. Todas contribuíram para avançar a questão da “verdade”. Mas nos preocupamos muito pouco com esse fato essencial: que – quaisquer que sejam

⁶ É simples, de certo, mas minha intenção aqui é extrair – sem simplismos – as linhas ‘francas’ de onde poderíamos chegar à complexidade.

as suas peculiaridades – elas estão todas preocupadas com a filosofia ela mesma. Observando-as de perto, constata-se que todas estão enredadas, através de diversos objetos de pensamento, na questão da filosofia enquanto tal⁷. Todas essas filosofias – o que poderia ser mostrado uma por uma – sofrem por aquilo que sabem faltar, sem, no entanto, saber o que é, duvidando sobretudo que seja alguma coisa identificável. Mas que isso faz falta e sobretudo que não basta dizer “isso está faltando, é isso” (fórmula do niilismo), eis o que importa.

Ora, para isso não basta inventar uma nova filosofia. A inovação, a transformação, a mutação ou a revolução foram no seu conjunto inerentes ao que recebeu o nome de “filosofia” (amiga do saber do discernimento ou do domínio, mas não da competência adquirida nem estabelecida). A filosofia se comprometeu com seu próprio projeto de uma maneira que poderíamos dizer deliberadamente infinita. Isso pode se mostrar de maneira precisa em cada filosofia.

O que nos cabe – e que os filósofos (digamos para simplificar a partir de Hegel) perceberam – é superar essa infinitude⁸ sem com isso amordaçá-la com um cinturão dogmático (seja niilista, cínico ou místico).

7

Por isso deve-se considerar a enorme ambivalência da realização filosófica – que contém igualmente a política, a arte e a fé⁹ – do que veio a se chamar “Ocidente”.

A ambivalência é inerente ao termo: Ocidente é o pôr do sol. É, portanto, ao mesmo uma realização e uma angústia. O Ocidente veio a ser uma máquina tão potente de realização que se tornou o tecido fisiológico de um organismo planetário, diga-se cósmico. Ele veio a ser igualmente a angústia de todo um mundo entregue à sua própria destruição. Tudo acontece como se toda a fisiologia do organismo planetário não deixasse de desenvolver uma imunidade que o esgota.

⁷ Nenhuma mitologia se interroga acerca de seu próprio estatuto.

⁸ Ou essa “indefinidade” [*indéfinité*]: não posso tratar disso aqui, não obstante a sua importância.

⁹ Talvez surpreenda que eu não me detenha aqui sobre as religiões do Ocidente, as quais desempenharam um papel tão importante. É porque elas mesmas são – de maneira certamente distintas – aspectos do fenômeno ocidental e, portanto, filosófico. Em particular a Pérsia, o Egito e Israel desempenharam papéis decisivos na mutação ocidental.

A colonização é o emblema dessa autoimunidade (ou seja, desse autoenvenenamento). Saído tanto de um desenvolvimento exponencial como do desejo de apropriação de todos os bens possíveis e, também, da vontade de saber, a colonização rompeu o mundo que ela pretendia unificar. Trata-se ao mesmo tempo de abrir o mundo ao seu próprio saber e de fechar esse saber ao que lhe poderia exceder (ao dado que lhe teria precedido *sem, contudo, constituir nenhuma anterioridade* e sim uma exterioridade, como o *seu fora mais íntimo*).

Ora, é exatamente esse movimento – *interessado* ao mesmo tempo no sentido da dominação e no sentido do conhecimento - que anima a filosofia. Não se trata (ou mais) de receber um dado e honrá-lo. Trata-se de fazer surgir uma nova ordem. Não se trata tampouco de gerir um povo e seu território, mas de redefinir tanto um como o outro, de falar de humanidade e de universo.

Trata-se de fundar e sustentar a fundação. É preciso inaugurar e continuar – sabendo sempre reinventá-la – a inauguração até o seu fim.

Nesse sentido, a filosofia se distingue de todos os outros pensamentos, sabedorias e meditações de outras culturas. Estas não pretendem fundar e sim observar cuidadosamente e infatigavelmente as forças, as tensões em jogo, os sopros, as inclinações, sem pretender conhecer a natureza ou o sentido: esses conceitos estão aqui bem deslocados. É possível que não haja nada para saber e nem para realizar: mas tudo para acolher, até o enigma, começando por ele (a esse respeito, mais do que um pensamento ocidental, místico em particular, parece ter por vezes convergido com esse abandono ativo).

A maior diferença refere-se ao fato de a filosofia não acolher, mas empreender e realizar. A realização – do sentido, do ser, dos princípios e dos fins - é a palavra-chave da filosofia. É assim que ela se torna inseparável da tremenda tecno-gênese que engendrou um novo Mundo. A potência da exigência de fundar e fazer crescer se tornou exatamente a civilização técnica.

Como bem se sabe, a técnica surgiu com o homem. As suas realizações magistrais em todas as culturas, através de todas as eras da humanidade, não precisam ser evocadas. Novo com o Ocidente é a técnica ter-se tornado seu próprio fim. Havia um motor próprio – de ordem sagrada – para a construção das pirâmides. A Torre Eiffel, ao contrário, é consagrada somente para o domínio siderúrgico do qual é o produto. Igualmente,

quaisquer que sejam as finalidades invocadas hoje pelas pesquisas biológicas ou cosmológicas, sua energia motriz reside no autodesenvolvimento das capacidades de análise, de controle e realização dos programas que lhe dizem respeito¹⁰.

8

É sem dúvida difícil negar as realizações incomparáveis da cultura ocidental. Mas é preciso não esquecer que elas estão intimamente ligadas à autorealização que se encontrava no seio da filosofia (e da política e da arte). Não se deve, portanto, deixar de reconhecer que não é possível dissociar o Ocidente desse desejo fanático de autorealização que está literalmente asfixiando o mundo.

A filosofia se empenhou totalmente na via que lhe estava aberta: como fazer um mundo se todas as ordens cósmicas, fisiológicas, energéticas são abaladas (e pouco destruídas). Ela respondeu com uma sucessão impressionante de representações do mundo (matemática, mecânica, histórica, ressaltando suas contradições ou se mesclando na carne das coisas, etc.). Essas representações exprimiam diversos momentos de progressão da história que a filosofia conferiu a si mesma como seu processo de realização. Assim, ela se tornou a realização de seu saber como tecnociência, a realização de seu dever como humanismo e a realização de seu desejo como globalização. Nesse ponto, não é mais necessário elaborar as representações do mundo: o mundo se tornou sua própria representação, ele é a autonomia tecno-humano-cósmica.

Esta autonomia realiza bem a finalidade – a visada – e o acabamento da filosofia, quer dizer, do Ocidente, quer dizer, da autorrealização (que passa ao mesmo tempo pela miséria, infelicidade e destruição de milhares de indivíduos que não são nem mais considerados homens, para não falar dos desastres ecológicos que se acrescentam às desgraças de todos)¹¹.

A realização da filosofia – saída ela mesma da necessidade de se autonomizar num mundo que prescinde da referência a outra coisa – é a realização da redução do “outro”

¹⁰ Sem dúvida, a atual pandemia confere novamente importância às finalidades imediatas. Mas ela mesma é um efeito do desenvolvimento da tecnoesfera... Também, ao mesmo tempo que a pesquisa do câncer não para de avançar, os vários tipos de câncer não param de aumentar.

¹¹ Mesmo sendo justo e necessário, é vão protestar contra a riqueza exponencial de alguns porque esse aumento de riqueza pertence ao autodesenvolvimento ontológico da máquina.

em geral: do *allo* irreduzível a toda identidade e mesmo a toda comparação. (*allo* que não pertence ao *auto* enquanto o *hetero* está correlacionado ao *homo*).

Ora o real é necessariamente *allo*. Como a pedra em que dou uma topada é fora de mim, aquele/aquela que eu amo é fora de mim; a obra do artista é fora de mim. Se alguma coisa caracteriza os deuses de todas as mitologias é que eles não são humanos. A filosofia sempre soube, no fundo, dessa alotropia do real – ao falar do “para além do ser” (Platão) ou da “liberdade incognoscível” (Kant) ou do “ser que não é” (Heidegger)¹².

Mas essa alotropia – a do polvo ou a do louco – a dos polímeros ou das algas – não é objeto de um saber e nem de um poder; é o que, sempre a pressentindo – já sempre esquecemos.

De fato, não é um esquecimento: é uma contradição inscrita no coração da filosofia. Já que ela procede da necessidade do *auto* – “saber, poder, querer por si mesmo”, ela só pode simultaneamente reconhecer e rechaçar o *allo* em relação ao qual, no entanto, o *auto* forçosamente se determina. É o que acontece quando se quer que uma criança “pense por si mesma”: como aceder a esse “por si mesma” sem distingui-lo do “pelos outros”. Essa questão que parece trivial atravessa toda a filosofia. Pode-se ilustrá-la com o problema do anarquismo: como formar um anarquista sem alguns preceitos e obrigações?

A filosofia é essencialmente anarquista: a divisa da anarquia: “nem Deus nem Senhor” – pode ser considerada como a sua máxima. Mas esse “nem...nem” exige, por sua vez, ser considerado por si mesmo. O que significa a negação do que não seria em nada determinável e assim não mais negado do que afirmado? Poder-se-ia dizer que toda a série teológica que vai do *Rig Véda* ao Gênesis¹³ consagrou um extremo cuidado para preservar uma certa presença ao que se situa aquém de toda forma, matéria ou existência – no nem-nem. De uma maneira ou de uma outra, trata-se sempre da potência de falar e pela fala fazer ser.

A filosofia apreende essa potência não como uma fala (como um endereçamento) mas como o encadeamento em si mesmo do *logos*, ou seja, da autossuficiência, com efeito, sem deus nem senhor. Poder-se-ia dizer que o ponto culminante dessa

¹² Para citar esses exemplos que se encontram em cada grande filosofia.

¹³ Não pretendo estabelecer nenhuma filiação, mas há analogias impressionantes.

autossuficiência encontra-se onde Hegel, afirmando a inanidade do verbo “ser” enquanto cópula, deduz a sua autonegação e assim a possibilidade de um primeiro momento.

O ser não é, portanto, nem ente nem nada: ele se refere a si mesmo se negando. É como a filosofia de Hegel cumpre a autorrealização¹⁴. A filosofia assume inteiramente o nem-nem, identificando-o como autonegação mútua e *automática* (em suma) do que, não obstante, nela se abre como a *alotropia* mesmo ou a distensão irreduzível do ser. O que neste ponto resta e deve restar *allo-logia* pode se dizer com as palavras de Chuang-Tsé: “o ponto culminante do discurso se situa num modo de expressão que seria ao mesmo tempo não-silêncio e não-fala”¹⁵.

9

Que não se creia que eu esteja tentando borrar de chinês o alemão de maneira a obter uma mediação! Ao contrário; as frases de Hegel e as de Chuang-Tsé são intraduzíveis umas nas outras. Essa intraduzibilidade entre dois nem-nem não é uma questão de línguas. Vocês poderiam ir infinitamente de uma a outra. O que resiste é o caráter irreduzível do *allo*. “Nem-nem” deve excluir toda espécie de mediação. Nem uma China que imaginaríamos resgatar, nem um Ocidente que imaginaríamos orientalizar faria aqui algum sentido, pois estamos num mesmo espaço, de todos os lados desprovidos de alotropia ou para dizer de outra forma, do fora, do irreduzível, do inidentificável, do não-reconhecível.

O que Heidegger quer dizer com “tarefa do pensamento” – de todo modo aquilo que dela podemos indicar – é o seguinte: vamos nos manter diante do insustentável? Ou vamos então continuar a nos satisfazer com a nossa pobre autonomia filosófica? Ou então, e por que não, acabar com ela, trazendo a prova (que ninguém pediu) de uma soberba e majestosa inanidade?

Jean-Luc Nancy, 11 de julho de 2021.

Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback

¹⁴ Claro que se pode mostrar que isso não satisfaz ao próprio Hegel que, por esta razão, qualifica de infinito a relação a si do ser. Essa noção do infinito exigiria uma outra análise.

¹⁵ Cf. *Les Oeuvres de Maître Tchouang*. Trad Jean Lévi. Paris: Editions de l’Encyclopedie des nuisances, 2006, p. 226.